

Mulheres guineenses no associativismo informal de poupança: um estudo etnográfico no grupo das abotas

Guinean women in informal savings associations: an ethnographic study in the Abotas group

Renata Maria Franco Ribeiro¹

1 <http://lattes.cnpq.br/8306959040910206>, Instituto Politécnico de Lisboa-ISCTE, renatafrancounilab@gmail.com

RESUMO

Este trabalho aborda como as mulheres guineenses de pertencimento étnico fula, mandinga e manjaco — mães, trabalhadoras e ativistas — se organizam de forma associativa, especificamente no caso do associativismo informal, como a estratégia de poupança conhecida como abotas. Interessa-nos, através das narrativas pessoais das nossas participantes, compreender as motivações para migrar e como se articulam as redes sociais para alcançar seus objetivos, fazendo uso do poder social e da capacidade de articulação na "minderjdadi" das mulheres guineenses na diáspora. São mulheres residentes no bairro Vale da Amoreira, na Grande Lisboa que mantem laços e vínculos familiares e de negócios com a sociedade de origem.

Palavras-chave: Mulheres guineenses; Associativismo informal; Grupo de poupança; Redes de entreatajuda; Poder social.

ABSTRACT

This paper addresses how Guinean women of Fula, Mandinga and Manjaco ethnicity — mothers, workers and activists — organize themselves in associations, specifically in the case of informal associations, such as the savings strategy known as abotas. Through the personal narratives of our participants, we are interested in understanding the motivations for migrating and how social networks are articulated to achieve their goals, making use of the social power and the ability to articulate the "minderjdadi" of Guinean women in the diaspora. These are women living in the Vale da Amoreira neighborhood, in Greater Lisbon, who maintain family and business ties and connections with their society of origin.

Keywords: Guinean women; Informal associations; Savings groups; Mutual aid networks; Social power.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz algumas reflexões no campo das migrações contemporâneas com foco nas redes sociais das mulheres guineenses, abordando o associativismo migrante informal com base nas estratégias de entreatajuda, solidariedade e confiança. Destaca-se a inventividade a *mindjerdadi*, isto é, o poder social, político, autonomia pessoal e de resiliência das mulheres guineenses

nos seus cotidianos.

Em particular, procurou-se abordar as dinâmicas do associativismo migrante informal, como as mulheres guineenses gerem seus cotidianos para concretizar seus projetos pessoais e bem-estar dos seus agregados. Especificamente as participantes da nossa pesquisa residem na Grande Lisboa - Freguesia de Vale da Amoreira, no concelho da Moita.

Com foco na prática de poupança econômica feminina as *abotas*, “as abotas são estruturas informais criadas entre trabalhadores da mesma empresa ou instituição, ou entre um grupo de amigos, ou ainda entre membros de uma determinada classe, bairro, etnia. A base das abotas são as cotizações mensais em dinheiro”. (Gondinho, Patrícia, 2010, p.06)

Concordando com Costa (2010), Albuquerque (2013), Quintino (2010), o associativismo migrante, enquanto espaço de reivindicação, manutenção e promoção das identidades culturais, linguísticas e religiosas dos imigrantes, funcionam como uma ponte entre a cultura de origem e a sociedade receptora.

Por meio desse engajamento, os imigrantes não apenas reivindicam seus direitos e espaço na nova sociedade, mas também contribuem para o enriquecimento cultural, social e econômico na sociedade anfitrião e no país de origem.

No caso das abotas (estratégias de poupanças econômicas) é uma prática realizada desde o país de origem nas suas tabankas (moradia familiar na aldeia, relação étnica), cooperativas nos bairros de Bissau, que envolve a organização de mulheres e homens em grupos informais para economizar dinheiro, investir em projetos pessoais, e, muitas vezes, investirem projetos comunitários, negócios ou projetos familiares e pessoais.

2. MÉTODO

Com o intuito de garantir que a investigação atenda às expectativas em relação à pergunta de partida e ao objetivo geral, optou-se por uma metodologia qualitativa, com ênfase em técnicas participativas e no método etnográfico. Segundo Cardoso de Oliveira (1996, p. 32), essa abordagem permite uma relação de vivência e experiência, neste caso, com as mulheres guineenses que participam da pesquisa, possibilitando ouvir e compreender suas recriações, práticas e negociações no cotidiano do bairro do Vale da Amoreira (Moita).

A pesquisa foi realizada na Freguesia Vale da Amoreira, entre os meses de setembro de 2023 e dezembro de 2023, com observação-participante. Tive a oportunidade de participar das atividades compartilhadas com essas mulheres, como feiras de artesanato, encontros no fim da tarde no jardim e encontros familiares.

Para a construção deste artigo, a investigação consistiu na análise documental, artigos, teses e consultas a sites oficiais como o Observatório das Migrações e relatórios do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), para analisar e compreender o fluxo migratório da população guineense para Portugal e onde estão localizados na Grande Lisboa. Há uma relevante literatura a respeito da mobilidade social guineense, redes associativas, práticas culturais e integração.

Portanto, optamos pela recolha de dados através de entrevistas com questionário semiestruturado e notas de campo. Isso implica não apenas observar, mas também vivenciar as práticas e interações dos participantes em seus cotidianos, tendo a oportunidade de ouvir essas mulheres e membros de suas famílias narrando as experiências partilhadas pela oralidade e pela memória da terra natal (Guiné-Bissau).

Para a construção deste artigo, analisamos quatro entrevistas de mulheres que participam do grupo de abotas, a escolha se deu pela proximidade da autora com uma senhora fula, chamada de avó pela posição de respeito e por ser uma das mulheres mais velhas que frequentava o jardim no fim da tarde com os netos e crianças de outras mulheres, hoje já não reside nessa Freguesia. Também pela técnica bola de neve, onde uma dessas mulheres foi participante da minha investigação do mestrado. Conforme a caracterização duas mulheres guineenses fazem parte de um minigrupo com quatro membros, a terceira mulher participa de um grupo maior com 10 mulheres e a quarta mulher participa de um grupo na linha de Sintra (Freguesia Massamá) cartografia que compõem várias freguesias desde Amadora até Sintra.

Optamos pelo método etnográfico, justificando-se pela imersão da pesquisadora no cotidiano dessas mulheres, facilitando a observação participante e a escuta através da técnica da gravação. Eu, enquanto vizinha e pesquisadora da organização associativa com foco nas abotas, pude compreender, a partir do lugar de escuta, a importância da relação de confiança entre essas mulheres.

A escolha do grupo de mulheres guineenses, sujeitas desta investigação, dinamizadoras do grupo de entreaajuda e solidariedade (Abota), contribui para a compreensão mais ampla das redes associativas informais na diáspora, com base nos conhecimentos e práticas recriadas que mantêm os laços familiares e afetivos com o lugar de partida, ressignificados na sociedade anfitriã.

O nosso questionário semiestruturado foi construído nos seguintes termos:

1. Vida Familiar e Comunitária (local de nascimento, qual tabanka pertence, Grupo familiar, rede de apoio que migrou, escolarização, qual percurso profissional na Guiné-Bissau e em Portugal.

Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 5, p. 1-20 2024.

<https://doi.org/10.18227/2675-3294repi.v5i1.8352>

2. Formação e Contexto do Grupo-Como e quando o grupo de poupança foi formado? O que motivou a criação do grupo? Quem foram as fundadoras? Quais os impactos e Benefícios fazer parte do grupo de abotas? De que maneira têm ajudado as integrantes do grupo?

3. Desafios -Quais são os maiores desafios enfrentados pelo grupo? Como o grupo está lidando com esses desafios? Que medidas são tomadas para garantir a sustentabilidade do grupo?

Para a análise dos dados, foi adotada uma abordagem etnográfica baseada nas narrativas das participantes. Essa abordagem valoriza a narrativa pessoal, permitindo que as mulheres compartilhem suas histórias em seus próprios termos, dentro dos contextos cultural, social, econômico e emocional em que essas experiências ocorrem. Uma das participantes viaja frequentemente para a Guiné-Bissau, ela se apresenta como microempreendedora, mãe, avó, e atualmente aposentada. Trabalhou na área de serviços gerais de limpeza em escritórios de Lisboa e reside em Portugal há 40 anos. Todas as suas filhas nasceram e estudaram em Portugal e falam crioulo e fula. Apesar de sua trajetória profissional, ela sempre esteve envolvida em seus próprios negócios, que incluem alimentos da terra como sumos de cabaceira, amendoim, cuscuz, óleo de palma, pastelaria e tecidos. Os grupos foram denominados conforme segue:

- Abota Fula: Um grupo com quatro participantes, incluindo um homem, cuja contribuição é de 150 euros mensais.
- Abota grupo de Manjacos: Composto por 12 mulheres, cuja contribuição é de 120 euros mensais.
- Abota grupo do jardim da Princesa: Um grupo familiar composto

majoritariamente por mulheres muçulmanas, fulas com 10 participantes, com contribuição de 200 euros mensais, essas mulheres não residem somente no vale da Amoreira, estão com residência na Irlanda e Luxemburgo.

Do ponto de vista qualitativo, as narrativas das mulheres guineenses permitiram entender como elas utilizam redes familiares e de confiança para obter informações e ajuda mútua na superação das dificuldades cotidianas, especialmente durante o contexto pandêmico da COVID-19. Embora esse não tenha sido o foco principal da pesquisa, o assunto foi abordado pelas participantes. A perda de capacidade econômica por parte de algumas mulheres levou-as a acionar recursos econômicos de familiares que residem em outros países, com o objetivo de manter o compromisso rotativo de poupança.

Em termos éticos, foram apresentados os objetivos da pesquisa e solicitados consentimentos para o uso de voz e imagens, garantindo a confidencialidade e privacidade das participantes, bem como a proteção dos dados e nomes e permitido a divulgação das narrativas em trabalhos acadêmicos mediante autorização.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quanto à mobilidade social, por muitos anos o debate acadêmico tem invisibilizado as mulheres, confinando-as aos espaços privados. Elas eram citadas apenas como acompanhantes de seus maridos e cuidadoras dos filhos, sem expressividade ativa no processo migratório. Isso reflete uma subvalorização na análise de gênero e nas migrações internacionais, que ainda apresenta pouco aprofundamento na abordagem de gênero, migração, direitos e políticas públicas.

Segundo Abrantes (2007, p. 111), em muitas comunidades muçulmanas, “as normas de gênero podem ser rigorosas, com expectativas claras sobre o comportamento e o papel das mulheres. A escassez de estudos sobre a posição da mulher nesses modelos culturais, por vezes conflituosos”, tal dinâmica influencia à especificidade que caracteriza os trajetos migratórios dessas mulheres.

Conforme Marinucci (2007), essa realidade está mudando. A feminização da migração pode ser entendida como um aumento no número de mulheres migrantes, embora elas sempre tenham se deslocado por diversas motivações. Há também uma mudança nos critérios analíticos do fenômeno migratório ao incluir a abordagem de gênero, além de uma mudança no perfil das mulheres migrantes (Marinucci, Roberto, 2007, p. 1).

Destacamos a relevância de considerar que as mulheres guineenses partem de sociedades pluriétnicas, com educação familiar e religiosa, formação escolar e experiências profissionais, projetos e trajetórias diversificadas, onde Portugal não é o único, e em alguns casos, não é o primeiro lugar de mobilidade social dessas mulheres.

Algumas dessas mulheres migraram para outros destinos além de Portugal, dando continuidade aos seus projetos pessoais no contexto europeu, como França e Espanha. Além disso, algumas mulheres guineenses tiveram o Brasil como o primeiro destino para prosseguir com seus estudos acadêmicos.

Nas narrativas das nossas participantes, observam-se motivações comumente distintas para migrar, incluindo melhores oportunidades de trabalho, poder econômico, saúde e oportunidade de concretizar seus projetos coletivos e familiares na educação dos filhos, filhas e sobrinhas. No entanto, elas também relatam as responsabilidades adicionais de serem chefes de família.

Portanto, é relevante desconstruir a ideia de que todas as mulheres têm experiências de vida e projetos semelhantes. Na perspectiva do "outro" e dos ocidentais, são vistas como mulheres africanas imigrantes, rotuladas como vulneráveis e universais, sem considerar as realidades heterogêneas. É crucial, portanto, analisar qualitativamente como as mulheres contribuem para as estratégias de mobilidade social de seus projetos e famílias.

Conforme Machado (2002), Borges (2010), Miguel Godinho (2010) e Quintino (2010), as migrações de guineenses e seus descendentes para Portugal ocorrem há mais de 40 anos por motivos diversos. Esta mobilidade intensificou-se ainda no contexto da Luta de Libertação da Guiné-Bissau. Para alguns, já nascidos em Portugal, esses trajetos consistem em diferentes formas de mobilidade, desde motivações pessoais em busca de melhores condições de vida, oportunidades laborais e tratamento de saúde, até o desejo de se reunir com familiares.

Esses fluxos que envolvem pessoas, conhecimento e, especialmente, remessas dos emigrantes para a terra natal (Baldé, 2019, p. 6), historicamente têm predominado entre os homens, num contexto sazonal e fronteiriço, tanto para Senegal (Dakar) quanto para a vizinha Gâmbia e para a França, a partir da década de 1930, ainda em tempos coloniais, com expressividade para as etnias manjacos e mancanhas (Machado, 2002, p. 76).

Em termos percentuais, o universo feminino na mobilidade guineense para Portugal, segundo dados do SEF citados por Borges (2010, p. 6), pode estar subavaliado, possivelmente devido a algumas mulheres que ainda não estavam documentadas.

Relativamente à imigração guineense, assim como na tendência global, inicialmente as mulheres migravam por decisão dos maridos ou para fins de

reagrupamento familiar. “Nesta fase, o marido, sendo o primeiro a emigrar, já tinha ultrapassado as dificuldades de estabelecimento no país de acolhimento. Esse contexto é dinâmico, e tem se alterado mobilidade, embora a imigração masculina guineense continue a ser representativa” (Borges, 2010, p. 12).

É neste contexto que se destaca a relevância deste estudo no âmbito da mobilidade social e gênero, com uma abordagem nas redes informais de ajuda mútua, trazendo narrativas sobre o protagonismo das mulheres em seus projetos e trajetórias no fenômeno das migrações contemporâneas. Seja no quadro do reagrupamento familiar, seja como mulheres autônomas, elas atuam como agentes de mudança social tanto na sociedade anfitriã quanto na sociedade de origem.

A chegada dos imigrantes guineenses para Portugal, por sua vez se dá de forma desfaseada, antes mesmo da luta de libertação, alguns quadros vinham para dar continuidade a sua formação para retornar a colônia portuguesa ou para assumir alguma função na estrutura administrativa do estado português.

Segue alguns períodos dessa mobilidade guineenses para Portugal:

- No período da guerra de Libertação de 1963 a 1974, algumas famílias buscaram refúgio em Portugal, estas apresentavam uma classe social, e filiação étnica com melhores posições econômicas e escolaridade. (Machado,2002).
- Após 1973-1974, logo pós luta de independência na qual se dá num quadro de ex-funcionários da antiga colônia portuguesa de ascendência europeia (Borges, p.161,2010), também com relevância para os guineenses de origem africana (Rocha-Trindade,2001), são os chamados luso-guineenses que chegam a Portugal, portanto estatuto com nacionalidade portuguesa (Machado,2002).

No contexto dos relatórios do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras¹ (SEF) de Portugal citado por Borges (2010) no ano de 1986 consta 2.484 guineenses, sendo 1996-12.548, no entanto de acordo com Machado (1998) o total de emigrantes guineenses já era cerca de 22 mil a 23 mil em 1996, isso se deve a insuficiência para a coleta de dados oficiais, e imigrantes ainda sem a documentação regularizada.

Os principais debates em torno do gênero² em Portugal, especialmente em relação às mulheres africanas, envolvem várias questões complexas e interrelacionadas, como a integração social, as dinâmicas de poder de gênero, as práticas culturais, construção de identidades, o papel das associações informais, e as políticas públicas. Miguel Godinho (2010), Abranches (2007) Nascimento (2012), Borges (2010).

Conforme as normas de gênero são reforçadas pela relação de poder (Scott,1990). Dessa forma, é importante refletirmos a categoria “mulher”, como interagem com as realidades sociais, culturais e políticas distintas tanto no continente africano e nas suas diásporas. O conceito de gênero é complexo e multifacetado, envolvendo aspectos biológicos, sociais e culturais e os rastros coloniais da modernidade que hierarquizam pessoas socialmente como inferiores e superiores.

Segundo Joacine Katar (20007) na sua tese de doutoramento “A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política”, onde discute as violências da cultura da manchundadi na Guiné-Bissau, há existência de

¹ Ver relatório SEF (2022) a população guineense apresenta-se como a 8 nacionalidade relevante, e a quarta em termos da Comunidade da Língua Oficial Portuguesa. Total: 23.737 Homens 13.223, Mulheres 10.514 em Stock. Com saída: Total: 4.235, Homens; 2.660, Mulheres: 1.575.

² O conceito de gênero varia de acordo com as crenças e valores sociais/ culturais das sociedades africanas. Não é nossa intenção universalizar as experiências das mulheres guineenses a análise foca nas histórias e experiências de mulheres.

um "silêncio" em torno da violência de gênero, onde as vozes das mulheres vítimas são frequentemente ignoradas ou marginalizadas. Tais violências desempenham um papel central na perpetuação da violência de gênero. Em muitas comunidades, as mulheres são vistas como subordinadas aos homens, com papéis rigidamente definidos que limitam sua autonomia e direitos.

Para a escolha desse estudo, sócio antropológico com foco nas redes sociais de ajuda e solidariedade com reflexões de gênero levou-me as autoras como: Patrícia Gomes Godinho (2010) no artigo "As mulheres do sector informal. Experiências da Guiné-Bissau", discute o contributo significativo das mulheres guineenses no setor informal como uma parte significativa da economia guineense, informal, que trabalham no setor como vendedoras de mercado, agricultoras, artesãs e outras atividades de pequena escala.

Celeste Quintino (2010) no artigo "práticas transnacionais e cidadania incompleta", discute o conceito de "cidadania incompleta" no contexto dos imigrantes guineenses, refletindo sobre as dificuldades que esses imigrantes enfrentam para acessar direitos plenos no país de acolhimento, como aborda as estratégias da comunidade guineense que mantêm relações transnacionais com seus países de origem, através de redes sociais, envio de remessas, e manutenção de práticas culturais e religiosas.

Peti Mama Gomes (2019) na dissertação de mestrado "Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche", a autora analisa como o gênero influencia as relações de poder dentro dessas associações e na sociedade mais ampla. Elas promovem atividades de cooperação, como a agricultura coletiva, a gestão de recursos comunitários e a organização de eventos sociais e religiosos.

3.1 Associativismo informal e rede de entreatajuda: estratégia de autonomia econômica

O associativismo informal feminino na diáspora é uma estratégia que as mulheres migrantes recriam seus saberes comunitários na sociedade anfitriã, nomeadamente esses grupos se conectam por manterem laços comuns como familiares, pertenças e confiança tanto no país de origem nas tabankas, bairros e com membros familiares na sociedade de chegada.

Segundo Quintino (2010, p.85) o associativismo guineense “distinguem-se três níveis de estruturação que, embora coexistentes, expressam três fases de evolução institucional iniciada nos finais da década de 80: redes sociais, associações e federações”.

Essas organizações são mais masculinizadas, como ainda hoje a maioria das associações formalizadas em cartórios são geridas (Presidente) por homens. No entanto, as redes femininas de ativismo político têm apresentado uma crescente mobilização na Grande Lisboa, isso também se deve as mulheres adquiriram a regularização da documentação para permanência e saída no território português. (Quintino, 2010, Borges, 2010).

Desse modo, existem vários tipos de práticas associativas em África que possuem finalidades distintas. Tais experiências variam amplamente em termos de estrutura e forma de operação, dependendo da região, cultura e contexto socioeconômico, podendo surgir em várias áreas como trabalho, cultura, ativismo social e apoio mútuo.

Destacamos o caso das *mandjundadi*³, base organizacional e social na sociedade guineense conforme Semedo (2010, p.143) que incluem homens e mulheres com a mesma faixa etária, ou pode variar sua organização. Uma das finalidades é a preservação e promoção da cultura local, incluindo a música, a dança, a arte e as tradições orais. Esses grupos são importantes na manutenção da identidade cultural em um país com uma rica diversidade étnica e cultural do país.

Essas práticas coletivas de base comunitária, irmandade e no crioulo *mandua*-comunidade, apresentam finalidades diversificadas entre elas os grupos de poupanças como: Abotas(Guiné-Bissau), xitique (Moçambique), Djunta Mon(Cabo Verde), Kixikila(Angola) é um sistema comum de poupar dinheiro, na qual contribui para as mulheres suportarem as despesas, investirem em pequenos negócios, adquirirem bens, e sobretudo é uma prática social de entreajuda e solidariedade, recriando o poder político e empoderamento a partir da autonomia econômica de mulheres.

Essa dinâmica dos grupos de abotas, vêm desde país de origem, socializadas por mulheres da família, suas mães e tias e homens. São mulheres que reúnem esforços pessoais, coletivos e sobretudo econômicos para gerir suas

responsabilidades como chefe de famílias, trabalhadoras no mercado informal como vendedoras nas praças de artigos diversos desde alimentação, vestuários, medicação de ervas e outros.

Segundo Gomes, Patrícia (2010, p.5) as mulheres guineenses contribuem de forma direta na economia informal e desenvolvimento social do país, e sendo o

³ As *mandjuandadi*, como coletividades organizadas, regidas por normas próprias e contribuições específicas, que mais adiante serão apresentadas, surgiram há mais de cento e cinquenta anos, são *compreendidas* como grupo organizado, cuja finalidade é a solidariedade social entre os seus membros, existem em todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. (Semedo,2010, p.123).

sector informal constituído por “atividades de baixo rendimento, na maior parte dos casos não cria mecanismos de protecção social e de luta contra a pobreza. Todavia, existem casos em que redes de solidariedade social, por afinidade étnica, de vizinhança, comunitárias, de mandjuandadi”.

Essas mulheres enfrentam vários desafios, incluindo precariedade no trabalho, falta de acesso a crédito, inexistência de proteção social e ausência de direitos laborais básicos tanto no país de origem como na sociedade portuguesa. É nesse contexto que a prática das abotas não trata apenas de dinheiro e poder individual, é sobretudo um espaço de sociabilidade, de partilha de informações, na qual mobilizam recursos locais, promovem solidariedade, co-responsabilidades e mantem a coesão social para alcançar seus objetivos pessoais e familiares.

Chamamos de mini redes, esses grupos mais flexíveis e emergenciais, geridos pelas mulheres nos bairros onde residem na Grande Lisboa. Também essa relação pode ser conflituosa caso não consigam manter a sustentabilidade do grupo por algum motivo.

Para isto, as mulheres negociam com participantes do mesmo grupo, se precisar adiar o dia da entrega da quantia do dinheiro, ou podem acionar um, dois ou três pessoas como os familiares para manter em dia a data estabelecida da entrega do dinheiro no grupo. Ressaltamos que essa relação se dá numa rede familiar e de confiança, com datas estabelecidas para devolver o dinheiro.

Segue o extrato de duas entrevistas coletadas no jardim da Princesa enfrente a farmácia do Vale da Amoreira, e na casa de uma das participantes, estas participantes adquiriram imóveis como a moradia própria com a poupança abota.

Eu sempre trabalhei nas limpezas desde que cheguei cá, cheguei aqui em 2015, primeiro passei pra França, mas lá a documentação demora mais. Fiz formação na saúde na Guiné-Bissau, aqui tive que desenrascar. Tive que me meter logo nas abotas, eu participava no meu bairro Bairro da

Ajuda no mesmo país, aqui participo. Também foi esse dinheiro que fez eu dá entrada na minha casa aqui. Isso não foi agora. Porque agora salário é muito pequeno. (Mulher mandiga, 60 anos)

O nosso grupo é pequeno, e cada qual se organiza no que quer investir...eu já cedía minha vez de receber. porque nosa amiga do grupo necessitou para ajudar na cerimónia do casamento na Guiné-Bissau. Já participei de grupo grande aqui e no Cacém, mas foi muita confusão. Mas eu não deixo de participar, porque se tu for juntar, tu não consegues, porque todo mês é a mesmas despesas e sempre aparece algo, sabes uma chefe de família sempre tem algo a resolver. colocar no banco tu acaba gastando, e quando tu recebes abota tu investes mais objetivamente, tá a perceber. Eu comprei um terreno na Guine Bissau, bem perto do parlamento, lugar central. (Mulher fula, 38 anos).

Segundo o relato das participantes a estratégia de poupança varia de acordo com as posses de cada mulher que forma o grupo, são decisões acordadas quanto valores, número de mulheres e co-reponsabilidade para a sustentabilidade da poupança. Também relataram que mesmo com formação técnica, superior e formação em Portugal pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional -Centro de emprego, não são chamadas para exercer funções como na saúde e no setor administrativo, área de formação dessas mulheres.

Portanto, recorrem aos trabalhos com menos rendimentos, como diaristas e cuidadoras, são salários precários o que é uma realidade experienciada por parte das mulheres imigrantes. Na narrativa das nossas participantes, isto é, decepcionante, porque mesmo exercendo as funções de diaristas, cuidadoras, os salários em outros países da Europa como a Alemanha, Dinamarca, Suíça são mais dignos e se trabalha menos horas.

Extrato de entrevistas quanto a perspectiva de investimento e organização do grupo.

Eu faço abota desde sempre, digo sempre me vi nas abotas. Antes tínhamos um grupo grande, mas deu confusão. Agora faço parte de um grupo pequeno, tudo é certinho. Esse dinheiro, é meu, sabe..não é da casa não. Isso não tem nada a ver com minhas despesas com o marido. Eu pretendo fazer uma viagem e fazer compras, eu quero investir em algo, na faculdade da minha filha, ou na carta dela, e quando ela começar ter os recurso dela, também vai fazer a abota, se tiver cabeça a perceber..eu também não deixo parado esse dinheiro compro e vendo coisas(

artesanato, tecidos) ai eu sei que terei retorno e sempre tenho aquele dinheiro para rodar na abota. (Fula, 36 anos. Local: a sala da casa da participante)

O meu dinheiro da abota é um meio para fazer render o que eu tô poupando... como o euro vale mais, pra mim mandar pra Guiné também é bom..eu trago tecidos, e mando coisas dá um bom dinheiro. Eu agora quero trazer coisas do Brasil. Eu não tenho trabalho bom aqui, tenho formação na administração, mas nunca consigo boa posição, se não for esse dinheiro da abota, o salário não dá pra juntar, porque é pequeno. (Mulher manjaca 45 anos. Local da entrevista campo do cava)

Observa-se que o associativismo do grupo das abotas é constituído por mulheres e, também pode envolver homens, desde que mantem uma ligação de confiança e estas estabelecem entre si laços de amizade, pertenças, parentesco, vizinhança ou profissão, independentemente de classe social ou etnia.

A capacidade de associativismo, ser *mindjer*- mulher em crioulo guineense é um aspecto fundamental para entender a organização social, a resistência cultural e o empoderamento das mulheres na Guiné-Bissau e na diáspora (Gomes, 2019; Gomes, Patricia, 2010).

Para Jocine Katar (2007, p.91) “os grupos de *mandjuandadi* acalentam e promovem o discurso no feminino, num cenário institucional dominado pela figura masculina”. Entende-se segundo a autora que esse poder social e político que dá voz as mulheres nos coletivos femininos procuram dá respostas na superação das adversidades cotidianas, assim constituindo-se em associações assentes em princípios de ajuda recíproca e de contribuição colectiva para benefício de cada um dos seus membros.

Portanto, através das narrativas das nossas participantes — mulheres guineenses com idades entre 35 e 60 anos, residentes em Portugal, na Freguesia de Vale da Amoreira, há entre 15 e 40 anos — com pertenças étnicas distintas e práticas da religião muçulmana, partilham a importância da estratégia de

poupança nas abotas, como prática associativa que lhes confere poder, em condições diferentes para cada grupo.

Essa prática oportuniza a realização de seus projetos por meio de seus esforços e resiliência como mulheres guineenses, com a capacidade de articular e negociar nos espaços para superar os constrangimentos diários de discriminação, a busca por condições laborais dignas e a integração na sociedade anfitriã.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo explorar as dinâmicas das redes de poupança organizadas por mulheres na diáspora, com foco nas práticas associativas informais, como as abotas, entre mulheres guineenses em Portugal. Através das narrativas pessoais das participantes, foi possível identificar a maneira pela qual essas redes sociais se articulam para alcançar seus objetivos.

As redes de poupança, além de fornecerem uma importante ferramenta econômica, revelaram-se fundamentais para o fortalecimento do poder social e da capacidade de articulação dessas mulheres, permitindo-lhes superar os desafios enfrentados na diáspora e construir autonomia pessoal e financeira, bem como investir nos seus projetos de vida tanto na diáspora e com forte impacto social nas suas famílias no país de origem

As mulheres guineenses enfrentam uma série de desafios ao viverem na diáspora, desse o acesso aos serviços da burocracia portuguesa, inserção laboral e integração, e parte das nossas participantes partilharam experienciar o preconceito racial. Esses desafios são múltiplos e complexos, envolvendo questões de identidade, acesso a oportunidades econômicas, desse modo parte dessas mulheres superam tais desafios na recriação da manutenção de laços culturais e familiares, como a manutenção da língua materna, os costumes culturais e

religiosos, como a festa do Ramadão, a contribuição para o casamento tradicional das mulheres da família.

Desse modo, essas mulheres na diáspora enfrentam uma série de desafios significativos que afetam suas vidas diárias e seu bem-estar geral. No entanto, elas demonstram uma notável resiliência e capacidade de organização e de mobilização de bens e informações, recriando e ressignificando o seu poder social a *minderjadi*, fazendo uso das redes de apoio, como o associativismo informal, para superar adversidades.

Portanto, há uma necessidade de repensar os desafios da mobilidade social feminina em Portugal, um maior debate e compreensão profunda de suas necessidades específicas e a criação de políticas e programas que as apoiem na construção de uma vida digna e integrada na sociedade anfitriã.

5. REFERÊNCIAS

ABRANCHES, M. Pertencas fechadas em espaços abertos. Estratégias de (re)construção identitária de mulheres muçulmanas em Portugal. 2007. Lisboa: ACIDI.

ALBUQUERQUE, Rosana. Associativismo, capital social e mobilidade: contributos para o estudo da participação associativa de descendentes de imigrantes africanos lusófonos em Portugal. 2013. Lisboa: Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI, I.P.).

BALDÉ, Saico Djibril. Do Bandim (Bissau) ao Rossio (Lisboa): O impacto das remessas dos emigrantes nas sociedades guineenses. Tese de Doutoramento Universidade de Lisboa, 2007.

BORGES, Maria. Migrações e Género: Acerca das migrações guineenses em Portugal. 7.º CONGRESSO IBÉRICO DE ESTUDOS AFRICANOS | 7.º
CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O Trabalho do Antropólogo, Olhar, Ouvir, Escrever. Revista de Antropologia, 39 (1): 13-37., 1994.

CONGRESO DE ESTUDIOS AFRICANOS,2010. | https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2317/1/CIEA7_18_BORGES_Migra%C3%A7%C3%B5es%20e%20G%C3%A9nero.pdf Acesso: 25 de julho de 2024.

COSTA, B.A. Diáspora guineense como agente de desenvolvimento local: o papel das associações guineenses em Portugal nos projetos de cooperação e desenvolvimento na Guiné-Bissau. Dissertação de Mestrado. Lisboa: IUL, 2016.

GOMES, Patrícia Godinho. “A Mulher guineense como sujeito e objeto do debate histórico contemporâneo”: excertos da história de vida de Teodora Inácia Gomes. *Africa Development*, Volume XLI, No. 3, pp. 71-95, 2016.

GOMES, Patrícia Godinho. “As mulheres do setor informal. Experiências da Guiné-Bissau.”, in. *África. Puentes, conexiones e intercambios*, Actas del VI Congreso de Estudios Africanos en el mundo ibérico, Las Palmas, Aquario, p.682-701, 2010.

GOMES, Peti Mama. *Mulheres em Associação na Guiné-Bissau: gênero e poder em Bobock e Bontche / Peti Mama Gomes. - Redenção*, 2019. 111f: il. Dissertação - Curso de Mestrado Acadêmico Em Antropologia Ufc/unilab, Mestrado Em Antropologia, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2019.

MACHADO, Fernando Luís. *Contrastes e Continuidades – Migração, Etnicidade e Integração dos Guineenses em Portugal*, Oeiras, Celta Editora, 2002.

MACHADO, Fernando Luís. *Da Guiné-Bissau a Portugal: Luso- Guineenses e Imigrantes. Sociologia: Problemas e Práticas*, Lisboa, nº 26, p. 9-56, 1998. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Departamento de Sociologia, ISCTE.

MIGUEL GODINHO, Susana. *Novos Possíveis: estratégias identitárias de Mulheres oriundas da Guiné-Bissau em Portugal*. 1ªed. Teses:3, 2010.

Moreira, J.K. (2017) *A Cultura di Matchundadi na Guiné-Bissau: Género, Violências e Instabilidade Política*. Tese de doutoramento Universidade de Lisboa.

NASCIMENTO, Augusto. *O Associativismo Feminino São-tomense em Lisboa: Uma questão de gênero? Associativismo Feminino São-tomense em Lisboa: Uma questão de gênero?* (openedition.org) , 2010. Consulta em julho de 2024

SEMEDO, Odete da Costa. “As Mandjuandadi - Cantigas de Mulher na Guiné- Bissau: da Tradição Oral à Literatura”. Tese de Doutoramento em Literaturas de Língua Portuguesa, Belo Horizonte, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2010.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. IN: *Mulher e realidade: mulher e educação*. Porto Alegre, Vozes, V. 16, nº 2, jul/dez de 1990. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/9qWCTLfw8Qvr9bTspS9dSsd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 17 out. 2016.

QUINTINO, M. C. R. *Práticas associativas de guineenses, conexões transnacionais e Cidadania incompleta. Migrações*, 6:81-102, 2010. http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Revista_6/Migr6_Sec1_Art3.pdf. Consultado em 10 de julho de 2024 *Relatório de Imigração Fronteira e Asilo* <https://www.sef.pt/pt/Documents/RIFA2022%20vF2a.pdf> acesso Julho de 2024

SOBRE OS AUTORES

Autor 1. Doutoranda em Estudos Africanos pelo Instituto Politécnico de Lisboa- ISCTE. Professora da rede Pública Municipal da Secretaria de Guaramiranga-Ceará-Brasil. Licenciada em História e Geografia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-Ce.

PARA CITAR ESTE ARTIGO:

RIBEIRO, R.M.F. MULHERES GUINEENSES NO ASSOCIATIVISMO INFORMAL DE POUPANÇA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NO GRUPO DAS ABOTAS. Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, v. 6, p. 1-20, 2024.

Submetido em: 30/08/2024

Revisões requeridas em: 19/09/2024

Aprovado em: 10/10/2024